

Augusto La Fere

CÓDIGO
DO
SILÊNCIO

Ars Verbi

CÓDIGO DO SILÊNCIO

AUGUSTO LA FERE

CÓDIGO DO SILÊNCIO

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

Código do Silêncio

© 2025 Augusto La Fere
Publicado por *Ars Verbi*™
Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988750-2-2

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0).

Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

Para quem carrega o silêncio
não como ausência, mas como idioma.

Para você,
que conhece os subterrâneos da alma,
o peso do ar entre dois corpos,
a geometria exata de uma cadeira vazia.

Que este livro seja
o mapa dessas galerias ocultas,
o nosso eco compartilhado no escuro,
a mão que traduz sombras —
o código finalmente decifrado
de uma solidão que, agora,
passamos a habitar juntos.

"Não, não há solidão. Há sempre este outro, este estrangeiro, que sou eu em mim."

— *Edmond Jabès*

Sumário

Prólogo..... 1

PARTE I..... 3

PARTE II.....24

PARTE III..... 40

PARTE IV..... 56

Epílogo.....72

Prólogo

A Pronúncia do Amanhã

O dia não nasce, desprega-se
do vinco escuro da noite.
A primeira luz não rompe: insinua-se
no erro de cálculo entre os prédios.

Um pássaro, engenheiro solitário,
ensaia a ponte do próprio canto.
O asfalto, lâmina fria, espera
a impressão digital dos primeiros pés.

A cidade, máquina de esquecer,
liga seus motores num rugido baixo.
Mas por um instante, no ar suspenso,
o amanhecer é apenas palavra —
uma sílaba intacta, à beira do mundo —
antes que o cansaço a reclame
e lhe imponha sua língua antiga.

PARTE I

Anatomia da Névoa

Cansaço Alheio

As ruas despertam antes da aurora,
mas o sono persiste —
um lago escuro em cada olho.

Nos ônibus, cabeças balançam
como sinos mudos de uma igreja invisível,
marcando horas que não existem.

O relógio não mede tempo:
arrasta correntes ocultas
sobre os pulsos do mundo.

Corpos avançam, olhos se fecham,
palavras nascem moribundas
no meio do caminho.

A cidade clama por pressa,
mas o passo é um adeus lento.

É um cansaço que não dorme,
um sono que se recusa ao sonho —

até o silêncio, quando chega,
carrega nos olhos
a exaustão do dia.

Anatomia de um Ônibus às Seis

Aço que respira um hálito coletivo.
Cada articulação do chassi
conhece o peso exato
da resignação.

Pele de metal suando neblina,
veias de fios elétricos pulsando
sob a epiderme pintada.
Os bancos — vértebras gastas
que memorizam a geometria
de corpos anônimos.

Pulsam sob a pele do veículo
sistemas vitais sobrecarregados:
o ranger dos freios,
os nervos das portas cansadas,
o coração a diesel
que bombeia lentidão.

Pálpebras refletem
o tremular dos postes,
pupilas se fixam
em números que não chegam.
Mãos agarram hastes de aço
como bengalas provisórias
para o equilíbrio das almas.

E no vaivém entre paradas,
cada partícula de ar
carrega o mapa químico
de cansaços trocados —
exalações que se fundem
num só organismo transitório,
respirando em uníssono
até a próxima dissecação.

Hidráulica das Multidões

Não somos corpos, somos vazões,
pressão em busca de nível.
Um rio de ombros e quadris
obedecendo à gravidade
dos horários.

A maré humana sobe
pelas escadas do metrô,
enche os vagões até a borda,
transborda em correntes
pelas calçadas.

Cada um é molécula
dessa água turva,
líquido denso
que escava canais
no asfalto da cidade.

E ao recuar,
deixa na pele
o sal de outros suores.

Fisiologia do Atraso

O tempo não passa — coagula
nas veias da cidade.

Cada semáforo é uma válvula
entupida de pressa,
de onde escorrem apenas
gotas de verde intermitente.

Nos pulsos, o sangue engrossa
em torno dos ponteiros,
apertando o mostrador contra o osso.
Os segundos perdem
a fluidez natural,
precipitam-se em cristais de espera —
areia que sobe
pelo vidro por dentro.

Os corpos se alongam
em tensões paradoxais:
musculatura contraída
numa ânsia paralisada,
tendões que memorizam
o tremor contido dos motores,
a cervical que estala
como engrenagem fora de fase.

Até a respiração se ajusta
a este novo metabolismo —
inspirações curtas
que não chegam aos pulmões,
presas no espaço
entre o peito e o volante,
onde o ar circula
em pequenos ciclos de ansiedade.

E quando a rua enfim desengata,
o atraso já se instalou
nos tecidos mais profundos:
um depósito de demora
nas articulações,
um órgão vestigial a crescer,
fino como película de óleo,
sempre um minuto mais pesado
que o coração —
um minuto que não cabe
dentro do batimento.

O Sussurro dos Semáforos

Vermelho não é parada, é suspiro
que se prolonga no cruzamento.
Verde é um soluço breve.
Âmbar, a palavra que a cidade
engole sem terminar.

Eles conversam entre si
sobre o fluxo que nos escapa,
tecem com suas piscadas
uma sintaxe de esperas —
códigos luminosos
para uma paciência
que ninguém mais decifra.

À noite, seu ritmo cardíaco
é o mantra que resta:
um canto eletrônico
para a fé cansada
de quem ainda acredita
em direções.

Cartografia das Sombras

Não se traça com bússola ou tinta
esta geografia.

Cada corpo que avança
projeta no asfalto
um mapa reverso
de onde não pode ir.

São ilhas de ausência
desenhadas pela luz
dos faróis.

Contornos que escorrem
pelas paredes úmidas,
alterando a topografia
das fachadas.

Seguimos não os passos,
mas o vazio que espelham —
um molde do que foi subtraído
pelo excesso de luz artificial.

Ao meio-dia, quando o sol
é um algoz vertical,
as sombras se recolhem
aos pés dos transeuntes
como poças de esquecimento.

Só ao crepúsculo elas se alongam,
confessam suas dimensões reais:
fios escuros que costuram
a cidade ao seu abandono,
tecelãs do que não pôde ser
mas insiste em se estender
como mancha de óleo
sobre o lago noturno.

Esta cartografia se atualiza
em silêncio:
cada poste acendendo
um novo território de desconexão,
cada sombra — um país interior
que jamais pisaremos.

Ar-Resíduo

O ar não circula — pesa.
Um rio lento de respirações usadas
se deposita em camadas
sobre os móveis, nos pulmões.

Não é frio, é ausência:
o vácuo que a máquina extraiu
do mundo lá fora,
deixando apenas este resto
sem cheiro, sem vida.

As palavras, quando saem,
já nascem cansadas —
flutuam por segundos
e se afogam no zumbido
deste inverno artificial.

Nossos ossos aprendem
a quietude dos aparelhos.
A pele esquece o toque do vento,
acostumada a esta couraça
que não aquece.

E ao final do expediente,
quando as portas se abrem,
o corpo leva minutos
para se readaptar ao mundo —
como mergulhador que sobe depressa,
trazendo consigo
o peso do ar
que não soube deixar.

O Zumbido dos Aparelhos

Sob o silêncio aparente
há um tom fundamental
que o ouvido ignora
mas o crânio registra.

É a nota contínua
dos transformadores,
o ronronar da geladeira,
a prece muda dos roteadores
em busca de conexão.

Essa sinfonia de baixa frequência
é o verdadeiro hino urbano —
campo sonoro que nos prende
dentro do mesmo sonâmbulo,
enquanto as paredes cumprem
sua sentença de reverberação.

Retrato com Ausência ao Fundo

A cadeira não está vazia,
está ocupada pelo contorno
do que partiu.

O ar neste cômodo
é mais denso onde ele se sentava,
um relevo invisível
que distorce a luz
e retém o eco
de um riso específico.

Pintamos quadros
com cores de lembrança,
mas a moldura sempre enquadra
esse vazio central —
negativa perfeita
de um fantasma
que chamamos passado.

O Gesto Inacabado

A mão que inicia a carícia
e se retrai,
a palavra que se forma
e se desfaz nos lábios,
o abraço interrompido
pelo tilintar do celular.

Vivemos num museu
de intenções truncadas,
onde todas as estátuas
têm braços quebrados
no mesmo lugar.

É a coreografia do quase:
um repertório vasto
de movimentos
que aprenderam a morrer pela metade,
deixando suspenso no ar
o contorno nítido
do que poderia ter sido.

Liturgia do Café Frio

A xícara é cálice.
O líquido negro e imóvel,
vinho azedo da vigília.

Bebemos desse amargo
como rito de passagem
entre um sonho e outro,
uma comunhão falha
com a própria lucidez.

Cada gole consagra
o sabor do esquecimento —
temperatura exata
do desalento.

E no fundo do pó,
a prece não dita
por um descanso
que nunca chega.

O Corpo que Virou Horário

Já não tenho braços, pernas, tronco.
Sou ponteiro lento
apontando tarefas.

Meu sangue não circula —
goteja no relógio de ponto.
Meus olhos são mostradores
onde se lê a mesma hora
exaustiva.

Até o sono é intervalo cronometrado,
um alarme que não desperta,
apenas sinaliza
o curto espaço
entre um dia e outro
idêntico.

Me transformei
no tique-taque da infância —
som que agora vem
de dentro do osso.

Paisagem com Fiação e Ausência

Os fios não cortam o céu,
costuram a paisagem
a um cinza permanente.

São veias sem sangue,
artérias suspensas
alimentando a respiração artificial
das lâmpadas.

E entre esses cabos
a ausência se trama:
os pássaros que não cantam,
as nuvens que não passam,
o silêncio acumulado
num tecido complexo
sobre nossas cabeças.

É teia cósmica
onde todos ficamos presos,
esperando por um sinal
que nunca desce.

O Cheiro da Chuva no Concreto

Não é o odor de terra molhada,
é a memória da terra
que o asfalto devolve
em gotas de saudade.

É perfume agridoce
do mundo lavando
a própria sujeira —
êxtase breve
que anuncia o mofo.

Aspiramos esse aroma
como relíquia,
telegrama tardio
de um planeta verde
que insistimos em calçar
de cinza.

Memória dos Sentidos Adormecidos

A pele esqueceu o toque.
Os ouvidos, o silêncio real.
Os olhos, a cor sem tela.

O paladar guarda apenas
o gosto residual
do café apressado.
O olfato, uma nota
de combustível e pão.

Nossos sentidos foram demitidos,
substituídos por funções utilitárias —
são agora guardiões
de uma existência
que não saboreiam,
apenas vigiam.

O Eco de um Passo no Vão Livre

Sob o edifício,
onde o vento circula
como alma penada,
o salto não se apaga —
ressoa nos pilares
como pássaro de cimento.

É o rumor de uma ida
que não chegou a lugar nenhum,
assinatura sonora
de quem atravessou
sem deixar marcas,
exceto essa vibração
que se repete
até confundir-se
com o próprio silêncio estrutural.

PARTE II

Crônica da Casa Vazia

Inventário dos Objetos Mudos

O sofá é um atlas de ausências,
cada curva um vale onde um corpo descansou.
Os copos no armário, cálices de silêncio,
ainda ecoam o brinde ao nada.
Os livros abrigam traças e sombras,
suas páginas, asas presas no âmbar do tempo.

Fazemos o inventário do que não fala:
o relógio parado é a pupila da eternidade.
Cada objeto, um órgão extinto do corpo chamado lar.
E nós, anatomistas do que sobrou,
escrevemos o laudo de uma morte cotidiana.

A Gramática dos Quartos Vazios

O quarto de hóspedes é parêntese alongado
no texto da casa.

O quarto principal, um verbo no pretérito:
partiu, dormiu, amou, sozinho.

A sala é oração sem sujeito,
predicado de pó dançando num raio de sol.

Aprendemos a sintaxe do vazio:
objetos são preposições que não levam a lugar nenhum.
A casa inteira é um período sem verbo de ação,
discurso indireto de uma vida
que já foi direta.

O Saber das Portas

A porta do armário sussurra lã e naftalina,
histórias que as roupas contam no escuro.
A da cozinha guarda na madeira
o fantasma do vapor.
A porta da frente, pesada de adeuses,
é a pálpebra da casa:
abre-se ao mundo, fecha-se sobre segredos.

Cada uma tem sua fricção,
seu gemido particular —
um idioma de dobradiças
que só eu, agora, decifro.

Arqueologia Doméstica

Camada I: pó recente, sedimento de dias iguais.

Camada II: fibras do tapete gasto.

Camada III: partículas de uma conversa dissolvida.

Escavamos e achamos um brinco,
um dente de leite, um fio de cabelo —
fósseis de uma vida aqui guardada.

Cada camada, tempo coagulado.
A pá da memória revolve não terra,
mas lodo doce e doloroso
onde o passado não é descoberto,
é desenterrado.

Teoria das Janelas

A janela não é olho, mas membrana.
Filtrar a luz, não o sentido do dia.
À noite, torna-se espelho frágil,
devolvendo não meu rosto,
mas seu próprio cansaço de vidro.

De um lado, o mundo; do outro, meu silêncio.
Ela é fronteira porosa entre vazios,
testemunha do tráfego de sombras
e da imobilidade de quem observa.

O Amor em Tempos de Wi-Fi

Nosso afeto era arquivo pesado,
enviado por conexão instável.
Cada “te amo” um pacote de dados
perdido na noite congestionada.

Trocávamos olhares em pixels,
carícias reduzidas a emojis pálidos.
O coração, servidor sempre online,
superaquecia de saudade.

Foi romance de baixa resolução,
onde o beijo bom
era o que não travava.

Fantasmas com Chave Própria

Alguns fantasmas não assombram, habitam.
Têm chaves próprias,
sabem a hora de chegar.

Sentam-se à mesa,
tomam o chá que não preparei,
falam banalidades com vozes
vindas de outro andar do tempo.

Não assustam, são presenças leves:
deixam a poltrona morna
e um cheiro familiar no ar,
perfume que a casa decidiu guardar.

Biografia do Pó

O pó não é sujeira, é memória em repouso:
pele descamada, fiapos de roupas,
migalhas de pão compartilhado.

Cada floco, página minúscula
de uma história comum.
Acumula-se nos cantos
como arquivo tranquilo,
diário escrito com os restos de nós.

Biografia não dos grandes feitos,
mas do desgaste necessário.

O Som que a Luz Elétrica Faz

Quando todos dormem, a luz elétrica sussurra.
É um zumbido agudo,
som de elétrons correndo em cobre.

É canção de ninar da modernidade,
mantra low-fi de aparelhos em vigília.

Nesse ruído constante,
o silêncio verdadeiro se torna lenda —
paisagem sonora perdida
que a memória tenta reconstruir.

Diálogo com a Sombra do Espelho

À noite, a sombra no espelho fala.
Não é reflexo, é resíduo.

Fala com voz de vidro embaçado,
perguntas sem resposta:
tempo, amores, caminhos não tomados.

Eu, do lado de cá,
respondo com silêncio,
sabendo que quem me olha de lá
é o arquivista
de todas as versões abandonadas.

A Música do Vizinho

Através da parede,
a música do vizinho traça
mapa sonoro de outra vida.

O baixo pulsa, a melodia flutua,
uma voz cantarola.
Histórias que não me pertencem
invadem meu silêncio,
preenchendo vazios com trama alheia.

É romance em capítulos ouvidos por acaso,
companhia não solicitada
mas às vezes bem-vinda,
lembrando que a solidão
é um prédio com muitas unidades.

Cronologia das Rachaduras

As rachaduras são anéis de crescimento.
Esta, fina, data do primeiro inverno.
Aquela, grossa, nasceu
no terremoto sutil do último adeus.

São dendrocronologia do abrigo,
mapas de tensões suportadas.
Não as reboco: cicatrizes da casa.
Cada uma conta a história
que a tinta branca não apaga.

O Peso Herdado

Os móveis velhos carregam mais que pó.
A mesa tem o peso das refeições,
a cama, dos sonhos alheios.

Cada arranhão é documento,
cada mancha, registro.
Carregá-los é levar nas costas
um museu de família,
móvel de ossos e memórias
que ocupa mais alma
do que sala.

A Linguagem das Plantas no Corredor

As plantas falam em clorofila e sombra.
Folhas são lábios verdes
sussurrando à luz fraca.

Comunicam-se no murchar e no florescer,
idioma lento de sede e paciência.
Sabem que são prisioneiras de vasos,
assim como eu destas paredes.

Na solidão compartilhada,
cuidar delas é traduzir,
folha por folha,
um dialeto de persistência.

Onde os Sonhos se Aposentam

Há um sótão da mente
onde os sonhos se aposentam.
Não morrem: repousam
em arquivos empoeirados.

Sonhos de viagens não feitas,
amores não ditos,
vidas alternativas.

Às vezes um se agita,
envia postal amassado,
imagem fugaz, cheiro, arrepio.
A maioria apenas repousa,
fóssil de um futuro
que não nasceu.

PARTE III

Economia dos Afetos

Contabilidade das Palavras Não Ditas

Lanço no débito o amor engolido,
o elogio retido na garganta.
No crédito, registro o silêncio
vendido como dignidade,
o não-dito trocado por paz.

O saldo é sempre um ruído,
sílabas apodrecendo no caixa dois do peito.
Ao fechar o balanço descubro a falência:
estoque de ausentes,
ativos de pó.

Balanço das Estações

No ativo, o verão de risos na praia,
o estoque de folhas secas no parque.
No passivo, o inverno de ombros virados,
a depreciação das promessas ao sol.

Fazemos a contabilidade de corpos:
cada beijo um lançamento,
cada briga uma baixa.

O demonstrativo é claro:
o amor não foi prejuízo,
mas investimento em moeda
que desvalorizou.

O Preço do Ar

Quanto custa o oxigênio entre dois corpos?

Nos primeiros dias, era bem comum.

Depois, medimos sua pureza,
cobramos pela respiração mais funda,
negociamos molécula por molécula.

O preço do ar ficou proibitivo.

Aprendemos a viver na escassez
do próprio hálito.

Mão-de-Obra Especializada em Sorrisos

Meu rosto é linha de montagem.
Sorrisos para a reunião das nove,
acenos galvanizados às quinze,
caras de compreensão às vinte e três.

É trabalho pesado,
exige disfarçar cansaço,
produzir afeto em turno duplo.

Um dia aposentarei esses músculos,
e meu rosto, desempregado,
será paisagem de calma e ruína.

O Mercado das Lembranças

As boas lembranças são commodities raras.
Especulamos com elas nos dias ruins.
Um pôr do sol valorizou 300%,
um café de domingo está em alta.

As lembranças ruins são títulos podres,
um passivo esperando calote.
No pregão da madrugada,
negociamos freneticamente:
vender a dor a descoberto,
comprar segundos de alegria pura.

Fluxo de Caixa Emocional

O coração não bate, é caixa eletrônico.
Retiro sentimentos com cartão da necessidade,
deposito migalhas de atenção.

Há saques a descoberto na madrugada,
transferências que não chegam.
A planilha da alma não fecha:
gasto mais em manter o sistema
do que o saldo que ele gera.

Vivo no cheque especial
do próprio afeto.

O Assédio do Tempo

O tempo não passa, cobra.
É agiota de instantes,
juros compostos de cansaço.

“Viva agora, pague depois.”
E nós, endividados de existir,
corremos atrás de um calote
que não ousamos dar.

O assédio é burocrático:
relógio de ponto, prazo de entrega,
validade estampada no espelho.

Contrato de Locação do Corpo

Alugo meus dias por salário.
As cláusulas definem horários da alma,
inspeções da produtividade.

O coração é cômodo com infiltração
que o dono não conserta.
Pago com horas o aluguel do corpo.
No fim do contrato restam marcas:
articulações gastas,
vista cansada,
assinatura trêmula na renovação.

A Bolsa de Valores das Almas

Nascemos startups de afeto.
Cotação sobe com elogios,
despenca com indiferença.

Fazemos IPO do sorriso,
lançamos ações da confiança.
Um olhar derruba acionistas.

No after market dos bares
negociamos papéis podres
de quem faliu emocionalmente.

Gestão de Resíduos Afetivos

Como descartar um amor usado?
Não vai para reciclagem,
contamina o lixo comum.

Fotos, mensagens, uma aliança:
resíduos perigosos.
Tentei compostagem, mas a memória
não aceita certos químicos sentimentais.

A política é de logística reversa:
devolver ao remetente.
Mas o remetente mudou de endereço.

O Idioma dos Gestos Banais

O idioma verdadeiro é gestual.

A mão que arruma o cabelo é declaração,
o copo de água sem pedido, um épico.

Os ombros encolhidos na chuva
são romance inteiro.

Deciframos hieróglifos do cotidiano,
dialetos ameaçados de extinção,
soterrados pelas palavras ocas
e pela gramática das mensagens.

Pedagogia da Solidão

A solidão é disciplina obrigatória.
Todos reprovamos nela no início.

Ensina anatomia do vazio,
geografia dos espaços não compartilhados.
Método de imersão total:
aula prática às três da manhã,
prova surpresa no domingo chuvoso.

Não há diploma.
Apenas sabedoria ácida
de ser seu próprio colega de classe.

O Clima nos Escritórios

O ar-condicionado sopra igual para todos:
16 graus de indiferença.
Sob o teto rebaixado,
microclimas de ódio e aliança.

Umidade baixa:
lágrimas secam antes de nascer.
O clima é tempestade contida,
frentes frias após a reunião das quinze.

Somos meteorologistas de nós mesmos,
prevendo se vale levar guarda-chuva
para a chuva ácida de e-mails.

Logística dos Encontros Fortuitos

Há ciência para o acaso.
Calculamos rotas, horários,
maximizamos a variável “tu”.

É logística complexa:
centro de distribuição no coração,
última milha nos nervos.

Mas a vida não é algoritmo.
O acaso verdadeiro —
aquele não planejado —
virou o produto mais raro do catálogo.

Aposentadoria dos Amores

Chega a hora em que os amores se aposentam.
Não morrem, só deixam de cumprir horário.

Vão para colônia no interior da memória,
cultivam hortas de “e se”,
recebem pensão mínima de saudade.

Visitá-los é ritual agridoce:
rever o que fomos
na pele enrugada do que somos,
sabendo que o trabalho ativo
deles em nós
está completo.

PARTE IV
Geologia do Vazio

A Inércia dos Ponteiros

O tempo não para, recusa-se a avançar.
Os ponteiros giram sobre o mesmo vazio,
rotação ociosa de moinho sem grão.

O futuro é seta cravada no passado,
o presente, tremor entre tique e taque.
Não seguimos à frente, mas em círculos,
enquanto a engrenagem diária
mói farinha insípida de horas.

Teoria das Camadas Sísmicas

Sob a pele do asfalto, a cidade guarda falhas.
Veios de tédio, fraturas de desejos reprimidos.
Às vezes um tremor sutil:
o gemido de um bonde,
o colapso de um sorriso numa fila.

Vivemos sobre placa de cansaço.
Os pequenos terremotos do cotidiano
são ajustes inevitáveis
rumo a um silêncio sísmico.

A Escrita do Musgo

O musgo é caligrafia da paciência.
Escreve, com verde vagaroso,
um tratado sobre o concreto eterno.

Cada mancha é letra num alfabeto do tempo,
lição que a pressa não lê:
a conquista mais suave
é a que se faz sem ruído,
apenas com persistência de existir
onde a vida desistiu.

Onde o Tempo se Dobra

Há esquinas na memória
onde o tempo se curva.
O passado toca o futuro
sem mediação do presente.

Um cheiro, um som, uma textura
fazem eras distantes se beijarem.
Sou menino e velho,
semente e árvore queimada,
grito e eco que o absorveu.

Física das Quedas Invisíveis

Caímos sempre, não rumo ao chão.
É queda horizontal, deriva lenta
para fora de nós.

Não há atrito, nem fundo.
A gravidade do vazio é simples:
todos os corpos aceleram
na direção de um centro
que não existe.

O Ritual do Lixo na Calçada

Segundas e quintas, a liturgia do descarte.
Colocamos na rua restos da existência:
caixas de pizza, garrafas de vinho.

É cerimônia da renúncia,
confissão pública do excesso.
O caminhão leva tudo ao amanhecer
e ficamos mais leves, mais vazios,
prontos para recomprar
o mesmo lixo em novas embalagens.

A Cor que o Preto Tem de Noite

O preto noturno não é ausência, é cor.
Tem densidade, temperatura, umidade.
É pigmento do esquecimento,
tinta do repouso.

Não é o preto abafado dos quartos,
mas o da rua: frio, lavado,
carvão molhado pela respiração da cidade.
Nele, os últimos pensamentos do dia
encontram tom verdadeiro.

A Matemática do Acaso

Qual a probabilidade de estarmos aqui?
Os dados cósmicos caíram neste instante ínfimo.

Cada encontro é equação,
cada perda, cálculo de risco.
Vivemos na margem de erro de um universo
não determinista, apenas distraído.

E a incógnita maior
não é Deus ou sentido,
mas o próximo número
da loteria do existir.

A Pronúncia do Nada

O nada tem sonoridade própria.
Não é silêncio, que é cheio de ausência,
mas ruído branco de fundo.

Dizê-lo é sussurrar com pulmões de aço.
A palavra “nada” sai pesada,
incapaz de nomear o inapreensível.

Aprendemos a pronunciá-lo com o corpo:
postura curvada, olhar perdido,
mãos vazias.
Essa é sua verdadeira língua.

A Velocidade da Sombra

A sombra não tem massa, mas inércia.
Atrasa-se em relação ao corpo,
reluta em seguir movimentos bruscos.

Ao entardecer, alonga-se,
ganha velocidade,
até desprender-se e correr sozinha,
fundindo-se com a noite.

É a parte de nós que permanece
quando a luz já não nos quer.

O Museu dos Futuros Cancelados

Na mente há galeria imensa
dos futuros não vividos.

Vitrine do casamento que não houve,
instalação da viagem adiada.
Cada sala dedicada a uma versão de mim
morta no parto do acaso.

Visitamos o museu em domingos chuvosos
e saímos com sensação ambígua:
luto e alívio.

A Cartilha do Esquecimento

Aprendemos a esquecer como tabuada.

Primeiro, detalhes: voz, riso.

Depois, eventos, datas, lugares.

Por fim, o sentimento em si,
que se esvai como água entre dedos.

A cartilha é eficiente:

cada página virada,

uma pequena morte.

A Alquimia da Poeira

A poeira é matéria da transmutação:
células, fiapos, partículas de rua.

Transforma-se no ouro falso da nostalgia.
O alquimista moderno não busca pedra,
mas o método de converter pó em elixir.

E descobre, ao fim,
que a grande obra
é deixar-se consumir
pela ferrugem do existir.

A Marca d'Água na Alma

Mesmo nos dias secos
há umidade de fundo.

É a marca d'água que a dor grava
no papel da alma.
Não aparece sob luz comum,
apenas na contraluz da memória.

É selo de autenticidade:
isto não é cópia,
é vida original,
com manchas e falhas.

A Última Luz dos Postes

Quando a noite é mais funda
e as janelas se fecham,
restam os postes.

Sua luz alaranjada não ilumina,
apenas constata a solidão.
Não tenta vencer a escuridão:
coexiste com ela em trégua breve.

Sob esse círculo pálido
o vazio se torna habitável.
É ali que a cidade descansa
de si mesma.

Epílogo

O Que Permanece no Ar

Há um resíduo que não se dissipa —
pó de passos, sombra de vozes,
respirações que ainda vibram
no casco oco da cidade.

Entre as paredes,
entre os ossos,
uma cadência persiste:
não relógio, não motor,
mas o pulso subterrâneo
do que nos atravessa.

Chamamos isso de silêncio,
mas é mais denso que palavra,
mais contínuo que ruído.

E enquanto ele circula, invisível,
sabemos que habitamos
essa mesma matéria suspensa —
metade ausência,
metade vestígio,
sempre em estado de espera.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi™*, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Esta obra, nascida do silêncio entre um enter e outro,
foi composta em EB Garamond,
a fonte revivida digitalmente por Georg Duffner
a partir dos desenhos originais de Claude Garamont (c. 1480–1561)
e da Mentelin Latin de Robert Granjon.

Nenhuma árvore foi cortada,
nenhum tinteiro foi derramado.
Apenas elétrons se alinharam
em homenagem à elegância atemporal
que sobrevive
até nos interstícios do digital.

Um arquivo *.silence*
habitando a nuvem
como um fantasma tipográfico.

